

Palavras chaves: Metodologia em artes; Arte/educação; Currículo

RESUMO

Este trabalho apresenta as informações básicas sobre a a/r/tografia como uma metodologia e pedagogia em Artes. Inicialmente discute-se a situação da utilização de referências metodológicas nos cursos de graduação e pós-graduação em artes o Brasil. Em seguida, descreve-se as características de arts-based forms of research, ABR, e arts-based educational research, ABER., e as especificidades da a/r/tografia. Nesse artigo argumenta-se que a inadequação, distanciamento e deslocamento entre a escrita acadêmica e a produção artística provocam dificuldades e conflitos entre o corpo discente e docente e comprometem entendimentos dos atributos de seus trabalhos e das pesquisas com as outras áreas e com o público em geral. A emergência de metodologias e pedagogias que buscam aproximação entre fazer artístico e fazer acadêmico podem desenvolver novas formas de conhecimento e diminuir os atuais conflitos curriculares.

Keywords: Arts Methodology, Art education; Curriculum

Abstract:

This paper presents basic information on a/r/tography as a methodology and pedagogy in the Arts. Initially it situates the use of methodological framework of references by undergraduate and graduate courses and in the Arts, in Brazil. Following, it describes the characteristics of arts-based forms of research, ABR, and arts-based educational research, ABER, and the specifics of a/r/tography. This article argues that the inadequacy, distancing and displacement between the academic writing and the artistic production provoke difficulties and conflicts between students and staff and it compromises agreements of the attributes of their works and the research with the other areas in the public sphere. The emergency of methodologies and pedagogies that seek approaches between artistic production and research can develop new forms of knowledge and diminish the current curricular conflicts.

Historicamente, os alunos dos cursos de artes, em bacharelados e licenciaturas, no Ensino Superior no Brasil, são orientados a seguirem metodologias,

¹ Universidade de Brasília. Belidson@gmail.com

adotarem normalizações técnicas e até mesmo ostentarem estilos de redação acadêmicas que, em grande parte, não contemplam as especificidades de seus trabalhos teóricos, teórico/práticos e práticos. Da mesma forma, os profissionais egressos destas instituições continuam a utilizar e reproduzir estas formas de escrita em seus projetos na Educação do Ensino Fundamental e Médio.

Verifica-se que tanto os alunos da graduação quanto os da pós-graduação que ingressam nas universidades vêm-se diante de muitas dificuldades para cumprirem as exigências mínimas em relação às questões de metodologia científica, possivelmente como efeito de uma formação deficiente na formação básica. Rosane Tolentino Maia afirma que

“Por vezes, verifica-se que alunos cursando o último ano dos cursos de graduação desconhecem as mais elementares normas envolvidas na elaboração de textos científicos, tais como: desenvolvimento e estrutura do trabalho, padrões de redação, procedimentos para se fazer pesquisas bibliográficas, seleção e organização da leitura das obras, construção de citações diretas e indiretas, bem como sobre o propósito de incluí-las no corpo do próprio texto. Essas dificuldades podem ser a causa de uma grande ansiedade nos alunos de graduação, na medida em que as exigências mudam em profundidade a forma usual da escrita, incorporando diversos elementos, até então desconhecidos, podendo, no limite, levar ao desânimo e, até mesmo, a desistência do curso.” (MAIA, 2008, p. 1)

No Brasil, mais precisamente nos últimos 10 anos, as Instituições de Ensino Superior (IES) vêm passando por uma renovação de seu quadro docente e de seus currículos e, ao mesmo tempo, estão sendo implementados vários cursos de graduação e pós-graduação na área de artes e arte/educação. Por meio dessas mudanças, as universidades lentamente estão buscando contemplar pedagogicamente, e de modo eficaz, o fato de estarmos vivendo em um mundo tecnológico visual complexo onde as imagens transformaram-se em um produto essencial para nossa informação e conhecimento. Contudo, o aspecto da visualidade – que se refere a como nós olhamos o mundo, sendo, pois, particularmente relevante para a construção da representação do conhecimento – tem sido pouco explorado pelas mesmas instituições. Logo, se faz necessário explorar mais, e ao mesmo tempo, os conceitos da comunicação e representação cultural destes conhecimentos que partem diretamente de uma transação com o visual.

Se as IES se esforçam em alcançar um nível adequado e de excelência nas suas proposições curriculares, efetivação de ementas, titulação do corpo docente e atualização de programas, as suas práticas pedagógicas na graduação e também na pós-graduação ainda sugerem uma hegemonia do fazer em relação ao pensar como este fazer pode ser constituído.

Um bom exemplo é o uso das normas da *Associação Brasileira de Normas e Técnicas* (ABNT) nas Instituições de Ensino Superior em artes. Sabemos que o Estilo e a Norma da escrita acadêmica instituem questões que afligem os discentes e docentes em artes e, portanto estas precisam ser discutidas e pesquisadas. No entanto, apesar de adjacentes, estas são diferentes proposições. No Brasil, as normas da ABNT são as condutoras da normalização de publicações técnico-científicas. Todavia, a ABNT não contempla diretamente os diversos e possíveis estilos de redação de cada instituição, ela ocupa-se das apresentações gráficas e de suas estruturas materiais das construções das publicações. Cada instituição de ensino, brasileira ou não, que adotar a ABNT, pode e deve ajustá-la a seus interesses e especificidades.

Se no Brasil a ABNT é praticamente a única norma de escrita acadêmica aceita e utilizada pelas Instituições de Ensino Superiores, internacionalmente, nos países de maior produção técnico/científico/artístico, já existem aproximadamente mais de três mil estilos de redação acadêmica em acordo com tipos e áreas de conhecimentos de periódicos e instituições educacionais. A ABNT define as normas de redação, mas generalizando. O estilo de redação das publicações técnico-científico-artístico dos pesquisadores, professores e alunos das artes na academia ainda seguem acriticamente um modelo positivista. Entretanto, muitas Universidades Brasileiras e vários arte educadores, ou seja, todos aqueles que ensinam em Instituições de Ensino Superior de Artes, opõem-se ao positivismo e procuram demonstrar que o domínio social e cultural, dentro do qual a investigação científica e artística ocorre, representa um fator fundamental na construção do conhecimento, portanto, os métodos adaptados das ciências não podem ser tomados como o único critério para a produção e formas de circulação do conhecimento.

Nos últimos 15 anos, na academia norte americana e européia, muitos pesquisadores vêm tentando compreender, valorar e conceber a produção em arte como uma modalidade de pesquisa acadêmica. Isto gerou metodologias de pesquisa atualmente reconhecidas e cada vez mais bem aceitas na academia como *arts-based forms of research*, ABR, e *arts-based educational research*, ABER; ambas sem tradução literal para o português, apesar de várias tentativas. O argumento chave para estas metodologias é que elas, ao enfatizar a produção cultural da cultura visual, rompem, complicam, problematizam e incomodam as metodologias normalizadas e hegemônicas que são aquelas que estabelecem, formatam, conduzem, concebem e projetam o conceito de pesquisa acadêmica em artes, educação e arte/educação. A ABR e ABER esperam deslocar intencionalmente modos estabelecidos de se fazer pesquisa e conhecimento em artes, ao aceitar e ressaltar a incerteza, imaginação, ilusão, introspecção, visualização e dinamismo.

Engajar-se em pesquisas utilizando ABR e ABER é um ato criativo em *si e per si*. O convite ao leitor, nessas metodologias, é diferente do apelo da pesquisa tradicional, pois está baseada no conceito de que o sentido não é encontrado, mas construído e de que o ato da interpretação construtiva é um evento criativo. Obviamente, estas novas formas de expressão acadêmica surgiram da inadequação dos discursos acadêmicos correntes em alcançar as especificidades na pesquisa em artes. Por meio de formas criativas, elas estabeleceram oportunidades de ver, experimentar o ordinário, aprender a compreender as novas e diferentes maneiras de se fazer pesquisa em artes, e deram especial atenção a forma da sua circulação e publicação. Os pesquisadores, envolvidos em desconstruir a escrita acadêmica dominante, desafiam a voz do observador acadêmico como possuidor de todo o conhecimento; exploram modos criativos de representação que reflitam a riqueza e a complexidade das amostras e dados de pesquisa, promovendo múltiplos níveis de envolvimento, que são, simultaneamente, cognitivos e emocionais. Desse modo, no contexto de ABER e ABR é mais importante o conceito de “vivificação” de Patti Lather do que o da provação e replicação positivistas.

Estas metodologias de pesquisas em arte, que contemplam formas alternativas da representação visual, criam espaços dentro e em torno dos dados de pesquisa a partir das quais coisas novas podem continuamente irromper.

As práticas do ensino de arte no ensino superior estão comprometidas inteiramente com o objeto ou o artefato material denominado arte, mas raramente desenvolvem estratégias, métodos ou modelos interpretativos que reflitam, explorem e valorizem o sujeito como um elemento fundamental para a compreensão do contexto e posicionamento da visão do espectador. Do mesmo modo, os registros textuais destas práticas, por meio de textos acadêmicos positivistas, dissimulam, mascaram e negam a situação do sujeito. Logo, é importante olharmos para dentro das nossas influências e práticas pedagógicas para descobrirmos a possibilidade de materializar junto ao VIS uma interação complexa que permita focalizar em uma prática educacional que, paradoxalmente, promova e critique os modos normalizadores do escrever sobre o saber e conhecer.

A forma de redação positivista confere à identidade aspectos de normalidade, singularidade e estabilidade. Se desafiarmos estas convenções da representação e do envolvimento com o texto, será possível desordenar formas influentes dos paradigmas estabelecidos. Pesquisas utilizando ABR e ABER desafiam convenções da academia, exploram a compreensão da experiência humana e das artes e usam um vocabulário novo, que aceita a escrita em todos os tempos verbais e espaços de representação, desde que sejam justificados para a pesquisa. Este deve ser um campo a ser explorado.

Artografia : Fundamentos Histórico

ABER oferece para o pesquisador e educador uma escala de métodos que permitem auxiliar os processos de questionamentos, reflexão, e fazer. Artografia, uma escola emergente do pensamento baseada na Faculdade de Educação na University of British Columbia, UBC, [Universidade de Colômbia Britânica, Canadá], traz uma abordagem tão dinâmica à pesquisa qualitativa que essa desafia nossas noções naturalizadas e conservadoras de se fazer educação e pesquisa (SINNER, LEGGO *et al.*, 2006). Ao colocar a criatividade à frente do processo de ensino, pesquisa e aprendizagem, a a/r/tography gera inovadores e inesperados insights, incentivando novas maneiras de pensar, engajar e interpretar questões teóricas como um pesquisador, e práticas como um professor (Ver IRWIN & de COSSON, 2004; SPRINGAY, IRWIN, LEGGO, & PETER GOUZOUASIS, 2008).

Como nós desenvolvemos inter-relações entre nosso fazer artístico e nossa compreensão do conhecimento é a questão crucial da a/r/tography .

- § A a/r/tografia é uma forma de ABER que foi originada por Elliot Eisner em cursos de pós-graduação na Stanford University, nos Estados Unidos, entre os anos 1970s e 80s. Ele buscava a arte como o elemento essencial para o desenvolvimento de pesquisas.
- § O Referencial teórico da a/r/tografia está na fenomenologia, no estruturalismo e no pós-estruturalismo de Ted Aoki, William Pinar, Madeleine Grumet, Patrick Slattery, Van Manem, Elliot Eisner, Michel Foucault, Jean-Claude Nancy, Gilles Delleuze, Merleau-Ponty, Felix Gatarri, Jacques Derrida, Judith Butler, Julia Kristeva e Joe Kincheloe.
- § Precusores do ABER: Thomas Barone, Cynthia Chambers, Ardra Cole, John Dewey, Rishma Dunlop, Elliot Eisner, Susan Finley, Maxine Greene, Gary Knowles, Claudia Mitchell, Lorri Neilsen, Joe Norris, Jane Piirto, Celeste Snowber, Sandra Weber, Rita Irwin.

Artografia e seus fundamentos teóricos:

A/r/tografia é uma forma de representação que privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem (visual) quando eles encontram-se em momentos de mestiçagem

A/R/T é uma metáfora para:

Artist (ARTISTA)
Researcher (PESQUISADOR)
Teacher (PROFESSOR)

Grafia: ESCRITA/REPRESENTAÇÃO

ou hibridização.

Na a/r/tografia saber, fazer e realizar se fundem. Eles se fundem e se dispersam criando uma linguagem mestiça, híbrida. Linguagem das fronteiras da auto e etnografia e de gêneros. O artógrafo, o praticante da artografia, integra estes múltiplos e flexíveis papéis nas suas vidas profissionais. Não está interessado em identidade, só em papéis temporais. Vive num mundo de intervalos tempo/espço, em espaços liminares, terceiros espaços, entre-lugares. Busca vários espaços, desde aqueles que nem são isso nem aquilo, àqueles que são isso e aquilo ao mesmo tempo. Busca diálogo, mediação e conversação.

A/r/tografia busca o sentido denso e intenso das coisas e formatos alternativos para evocar ou provocar entendimentos e saberes que os formatos tradicionais da pesquisa não podem ou conseguem fornecer. Mover-se para além das tradicionais dissertações fundamentadas em texto para acolher discursos complexos possíveis e comuns dentro das artes gera um sistema novo de troca, onde a pesquisa educacional, baseada em arte, se revela como uma modalidade provocativa de fazer pesquisa. A/r/tografia é inerentemente social quando grupos ou comunidades de a/r/tógrafos juntam-se para abocar, atrelar, acoplar, engajar e vincular-se em pesquisas comuns compartilhadas; agem como amigos críticos; articulam uma evolução de problemas de pesquisas; apresentam seus evocativos e provocativos trabalhos coletivos a outros. ABER- A/r/tografia começa visualizando uma abordagem de pesquisa, engajando em uma inquirição (as perguntas emergem continuamente, ciclicamente no tempo), selecionando fontes da informação e idéias, e oferecendo então interpretações com a abertura e a criatividade intelectuais dentro da prática, representando novos entendimentos textuais visualmente, e/ou performativamente. A/r/tografia é: móvel, momentânea, busca a intensidade na transitoriedade.

Considerações finais

Na minha experiência profissional. pude perceber que a inadequação, distanciamento e deslocamento entre a escrita acadêmica e a produção artística provocam dificuldades e conflitos entre o corpo discente e docente, assim como comprometem entendimentos dos atributos de seus trabalhos e das pesquisas com as outras áreas e com o público em geral. A ABR e ABER criam possibilidades para diminuição destas diferenças e apontam com mais clareza o papel vital que o fazer

artístico tem na produção e disseminação de conhecimentos dentro do discurso acadêmico. A *a/r/tografia* como uma das formas de se praticar a ABER é uma das alternativas que surgem para certo tipo de pesquisas e práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

IRWIN, Rita L., & de COSSON, Alex. (Eds.). *A/r/tography: Rendering self through arts-based living inquiry*. Vancouver: Pacific Educational Press. 2004.

MAIA, Rosane Tolentino. A Importância da Disciplina de Metodologia Científica no Desenvolvimento de Produções Acadêmicas de Qualidade no Nível Superior. In: *Revista Urutága- Revista Acadêmica Multidisciplinar*. 14. 2008.

SINNER, Anita. *Divining Intoxication*. *Canadian Journal of Education*, v.27, n.4, p.1-4. 2002.

SINNER, Anita, LEGGO, Carl, *et al.* *Arts-Based Educational Research Dissertations: Reviewing the Practices of New Scholars*. In: *Canadian Journal of Education*, v.29, n.4, p.1223-1270. 2006.

SPPRINGAY, Stephany, IRWIN, Rita. L., LEGGO, Carl., & GOUZOUASIS, Peter . *Being with A/r/tography*. Rotterdam: Sense Publishers. 2008.